

O Quadro

Os dois vizinhos davam-se bem. Isto é, cumprimentavam-se quando se encontravam: «Bom dia senhor Amílcar. Então essa saúde?» Mas o senhor Saraiva, negociante de penhoras, nem esperava pela resposta do caldeireiro. Volta e meia procurava-o para pequenos trabalhos de picheleiro, eletricista ou outras habilidades em que aquele homem se desenrascava com competência e brio que não perdiam nas meças com um profissional. Isto é, havia alturas em que necessitava dele.

Entre o portão da oficina do caldeireiro e a sebe que cercava a moradia do senhor Saraiva, ficava apenas uma estrada estreita e o pequeno largo, onde os ramos de duas tílias se abraçavam na primavera e verão, oferecendo sombra e aroma a um velho banco de jardim. Não menos majestosa, era a paisagem quando as folhas amarelavam e caíam, tecendo uma tapeçaria em cores outonais e, mesmo despidos no inverno, aqueles ramos nunca deixavam de servir de modelos para o pintor.

Apesar da proximidade, viviam em mundos distintos. Isso notava-se sobretudo nos filhos, que tinham crescido no mesmo lugar, frequentaram a mesma escola, aprenderam com os mesmos professores e tinham notas semelhantes. Mas, enquanto o João, o mais velho dos seis filhos do caldeireiro, ia a pé na companhia de outras crianças, a Ana, única filha do negociante, ia e regressava no banco de trás de um automóvel.

Quando terminaram o nono ano, a Ana continuou os estudos no liceu, enquanto o João trocou os utensílios escolares pelas ferramentas da oficina do pai, seguindo-lhe as pisadas na arte de trabalhar o cobre.

Nas poucas horas livres que o trabalho lhe dispensava, o João gostava de pintar. Volta e meia, encostado a um alambique ou a um funil, via-se um quadro a secar no exterior da oficina. O comerciante nunca parou a apreciar as pinturas do vizinho. Não valia a pena, afinal saíam das mãos de um caldeireiro, filho de caldeireiro, neto de caldeireiro. Apenas por uma vez, ao passar no momento em que o rapaz recolhia uma tela depois de algumas horas a secar, lhe disse: «Tens jeito rapaz.» Mas disse-o apenas para ser simpático. Reparou mesmo mais no candeeiro de cobre que servia de encosto.

Já a filha não só apreciava os quadros, como até achava graça ao vizinho que tinha sempre um sorriso tímido para lhe oferecer. Ela estava prestes a fazer aniversário, vinte e quatro anos, e o pai queria oferecer-lhe algo especial. Não era fácil escolher um presente para uma jovem que não dava valor a joias nem roupas caras. Preferia um bom livro a uma peça de joalheria, um convite para um concerto ou visitar um museu, do que uma peça de roupa ou adereço de marcas da moda. Mas o pai queria surpreendê-la. Ela frequentava o último ano do curso de medicina, esforçara-se muito para chegar ali e merecia um prémio.

Entretanto, o negociante foi avisado de um leilão onde todo recheio de um palacete pertencente a uma família com sete apelidos, tinha sido penhorado. Não era bem a sua especialidade, pois movimentava-se melhor nos negócios de terrenos, prédios ou recheios de fábricas falidas. Mas pensou:

«Esta gente pode não ter jeito para o mundo dos negócios, mas fama de gosto refinado, eles têm. Talvez encontre lá alguma peça capaz de impressionar a minha filha.»

Assim fez. Louças, esculturas, mobiliário, alcatifas, pratas e vários quadros onde se fixou num: «é este.» Quatro pranchas de madeira lisas faziam uma moldura que envolvia uma tela que o fez estremecer. Numa paisagem em traços leves, sobressaía uma jovem com um vestido azul. Estava sentada num banco de jardim, à sombra de uma árvore, segurando um livro aberto com a mão direita enquanto o indicador da esquerda, sobre a orelha do mesmo lado, alisava uma madeixa dos cabelos escuros, encaracolados e livres.

Mas nem o banco, nem a árvore estavam pintados com nitidez. Apenas traços e sombras os denunciavam. Notava-se também a presença do sol, mas a disputa pelo brilho daquela tela, que ia ser vendida num leilão juntamente com outras peças que constituíam o espólio daquele palacete brasonado, era entre a pele clara e lisa, os caracóis pretos, um rasgo de sorriso, suave mas luminoso, e os olhos que não eram apenas brilhantes e belos, mas também meigos e bons. Era um quadro lindo, era linda a rapariga pintada naquele quadro. E, ao contrário da paisagem que a envolvia, ela sim, retratada com pormenor. Ali tinha sido depositado uma grande dose de algo que a arte nunca dispensa. Ali havia paixão, ali havia amor.

«Como pode a mente e o talento de um artista imaginar tanta beleza e conseguir transportá-la para uma tela? Qual seria a reação do autor daquela obra magnífica, se desse

de caras com a minha filha, pois não é possível que exista alguém mais parecido com esta imagem do que ela?»

O futuro dono daquele quadro estava longe de imaginar que aquela peça era um retrato. Estava assinado, mas era um nome desconhecido para ele. Mas se estava exposto na parede de um palacete brasonado, onde vivia uma família com sete distintos apelidos, é porque se tratava de um artista famoso.

Nenhuma outra peça foi tão concorrida como aquela. No entanto, à medida que o valor atingia patamares mais elevados, o interesse diminuía e o despique ficou entre apenas dois interessados, que teimavam em ser donos daquele quadro que acabou por regressar para perto do lugar onde tinha sido pintado.

Esteve meses, ou mesmo anos, a uma dúzia de passos da residência deste comprador, que nunca teve tempo para espreitar, com olhos de ver, o talento do vizinho. E logo ele, habituado a comprar por dez e vender por cem, foi adquiri-lo naquele palacete brasonado, por um valor centenas de vezes mais elevado do que o anterior proprietário pagou.

No entanto, mesmo que o tivesse visto junto dos utensílios de cobre, nem por uns tostões o compraria. Afinal, era obra de caldeireiro e nem na parede da sua garagem merecia estar exposto.

Como aquele quadro estava naquela casa, era um mistério. Alguns clientes, quando iam comprar ou encomendar um alambique ou outro utensílio fabricado naquela oficina, como candeeiros, castiçais, jarras e outras peças decorativas ali criadas, acabavam por sair com um quadro a troco de um valor que o pintor recebia para poder continuar a comprar telas, tintas e pincéis.

O pai andava ansioso por entregar o presente, mas o aniversário era só daí a quatro dias. Tinha pedido para fazerem um embrulho bonito antes de o levar para casa e já o tinha descrito imensas vezes à esposa, que se surpreendeu com o preço. Mas não se preocupou, pois ouvira recentemente, no curso de etiqueta, alguém do seu círculo social a dizer que uma obra de arte nunca desvaloriza.

Entretanto o grande dia chegou. Cerca de duas dezenas de convidados, quase todos dos pais, enchiam a casa. Depois do jantar, deslocaram-se para outra sala, onde se mantiveram de pé à volta da mesa e cantaram os parabéns, enquanto a chama das vinte e quatro ve-

las dançava sobre um bolo até que um sopro da aniversariante a apagou. Foi aí que o pai foi buscar o presente.

Era um quadro, evidentemente, o embrulho não enganava. A filha, com a ajuda da mãe, visivelmente ansiosa para ver aquela tela que tinha custado mais do que um ano de salários da empregada doméstica, desembulhou-o sob o olhar atento de todos, sobretudo do grande negociante. A aniversariante ficou pálida e não conseguiu dizer mais do que um soluço.

«É lindo,» disse a mãe, «parece o teu retrato.»

«Vi-o num leilão de obras de arte e achei parecido contigo. Parabéns, filha.»

Era a primeira vez que ela via aquela pintura, mas reconheceu-se. Isto é, viu-se linda, viu-se tal e qual como gostava que a vissem, como nunca um espelho a tinha mostrado. Apesar de serem apenas sombras, reconheceu também as tílias, o banco de madeira, e não necessitou de olhar para a assinatura no canto inferior direito para saber de quem eram as mãos que tinham pintado aquele quadro. Uma lágrima deslizou na sua face, tentava falar, mas, em vez de palavras, saíam soluços.

O pai, percebendo que todos notavam que tinha conseguido encontrar um presente capaz de emocionar a sua mais-que-tudo, envaideceu-se. A Ana acabou por conseguir dizer: «obrigada, papá, é lindo, obrigada.» Visivelmente abalada, pediu para a deixarem sozinha durante alguns minutos: «tenho que apanhar ar,» soluçou.

Acharam estranho, mas compreenderam que naquela idade, com o curso a chegar ao fim, as emoções podem ser fortes. Alguns convidados oferecerem-se para a acompanhar, mas ela recusou e insistiu em sair sozinha: «Estou bem, eu volto já.»

«Não se preocupem,» sossegou, a mãe, os convidados. «Ela gosta de ir sozinha ao parque mesmo aqui ao pé. Aquelas tílias sempre foram o seu refúgio em várias situações.»

A Ana desceu as escadas e, em meia dúzia de passos, tinha os pés na berma da estrada. Caminhou junto da sebe até ao banco do terreiro. Sentou-se, respirou fundo, tentando assim secar os olhos, e reparou que, àquela hora, a luz da oficina do caldeireiro ainda estava acesa. Não tinha bem a certeza se queria fazer aquilo, não tinha certeza de nada, mas atravessou a estrada e, sem bater na cancela, sem pedir licença, entrou. O caldeireiro, isto é, o pintor, estava lá. Naquele momento era pintor.

Estava na companhia do silêncio da noite, segurava o pincel mergulhado no tinteiro e focava-se numa tela que ganhava vida no cavalete para onde continuava a olhar, mas que já não a conseguia ver desde que o seu coração começou a bater descontroladamente, desde que sentiu que a Ana estava atrás de si, no seu espaço, à distância de dois ou três passos, à distancia da sua voz, do seu toque, da sua respiração. À distância de um beijo.

Deixou cair o pincel, levantou-se e virou-se para trás. Era mesmo a Ana. Também ela demorou alguns segundos para assimilar que não era uma miragem, quando viu os seus caracóis, os seus olhos, o seu sorriso, as suas lágrimas, isto é, quando se viu em mais dois retratos pintados em duas telas expostas naquelas paredes. Numa estava de gorro, cachecol e luvas feitos da mesma lã, a brincar com o Pluto, o seu São Bernardo enorme e brincalhão. Nesse quadro estavam também pintados os ramos já meio despídos das tílias, o chão do terreiro alcatifado com as folhas em cores de outono e o vento frio que fazia voar o cachecol. No outro, com os mesmos caracóis, o mesmo brilho, ela segurava um ramo de margaridas e tinha substituído o sorriso por uma lágrima que cintilava na sua face como uma gota de orvalho beijada pelo primeiro raio de sol. Recordava-se daquele dia, de ter colhido aquelas margaridas para levar à sepultura do seu avô, poucos dias depois da sua morte.

O ar dentro daquele atelier de pintura, ao lado da oficina do caldeireiro, estava estranho, estranhamente belo. Foi ela, entre lágrimas, quem quebrou o silêncio:

«Obrigada,» disse num tom quase silencioso, dividindo o olhar húmido entre o pintor e os dois quadros.

«Feliz aniversário, Ana.» respondeu ele, a tremer, sem imaginar o motivo daquela visita, surpreendendo-a por saber que aquele era o dia do seu aniversário.

Ela aproximou-se e ele ficou ainda mais imóvel. Olharam-se sem dizer nada, e tinham tanto para dizer. Tanto que só o silêncio e o olhar se podiam encarregar dessa missão. E depois de tanto ter sido dito, sem que nem mais uma única palavra se escutasse, a Ana colocou a sua mão na face do João, fechou os olhos e beijou-o. Recuou, olhou, beijaram-se novamente e saiu dali.

O caminho até casa fazia-se em menos de cinco minutos, mas passou mais de meia hora até ela abrir a porta para participar na sua festa de aniversário.

Foi mais ou menos o tempo que o João, que não tinha feito o menor movimento desde que voltou a ficar sozinho, levou a perceber que aquilo foi real. Sentou-se novamente em frente do cavalete, pegou noutra pincel, molhou-o no tinteiro e alterou a cor do céu.